

“Feeding for Souls”:
penance as a practice and
religious representation in
Lent in Nossa Senhora das
Dores, Sergipe

“Alimentación de las Almas”:
la penitencia como práctica
y representación religiosa
en Cuaresma en Nossa
Senhora das Dores, Sergipe

Abstract

Religions and religiosities have been, in recent decades, an increasingly frequent focus of study in the Human Sciences. In History, the analysis of “collective representations” helps to understand cultures and how men of a given period give meaning to the world and to existence. Based on the notion of “representation”, present in “Cultural History”, and concepts of authors such as Bourdieu, Durkheim, Eliade and Pesavento, we intend to study religious beliefs and rituals associated with processions that take place in the Sergipe municipality of Nossa Senhora das Dores, during the Lenten period, with routes made up of crosses, saint-crosses and cemeteries and practices such as the promise, penance and prayer for the dead, which will be learned from a historiographical and oral survey, in the light of Ginzburg’s evidential paradigm.

Keywords: Penance, religious practices and representations, Catholicism, imaginary.

Resumen

Las religiones y religiosidades han sido, en las últimas décadas, un foco de estudio cada vez más frecuente en las Ciencias Humanas. En Historia, el análisis de las “representaciones colectivas” ayuda a comprender las culturas y cómo los hombres de una época determinada dan sentido al mundo ya la existencia. Partiendo de la noción de “representación”, presente en “Historia Cultural”, y conceptos de autores como Bourdieu, Durkheim, Eliade y Pesavento, pretendemos estudiar las creencias religiosas y los rituales asociados a las procesiones que tienen lugar en el municipio de Sergipe de Nossa Senhora das Dores, durante el período cuaresmal, con recorridos formados por cruces, santas cruces y cementerios y prácticas como la promesa, la penitencia y la oración por los muertos, que se aprenderán a partir de un relevamiento historiográfico y oral, a la luz de El paradigma probatorio de Ginzburg.

Palabras clave: Penitencia, prácticas y representaciones religiosas, catolicismo, imaginario.



Em quase todos os municípios sergipanos grupos de homens saíam às ruas depois da meia-noite, com seus movimentos ruidosos, seus gestos de sacrifícios, seus lamentos e suas orações. Não tinham ligação com a Igreja, embora representassem um sobejo do que tinha sido, na Espanha, a tradição religiosa que colocava, como está em Cervantes, o padre junto aos penitentes. Mantinham os sergipanos, o gesto do martírio individual, solitário, recolhido ao anonimato das longas roupas e do capuz, obtendo, por isto, uma camuflagem que protegia o corpo da curiosidade natural nascida com a luz do dia. (Luiz Antônio Barreto.)

A penitência é uma prática e uma representação religiosa componente do catolicismo, tornando-se mais evidente no período litúrgico da Quaresma. Num passado não muito distante, como atesta o pesquisador sergipano Luiz Antônio Barreto (1982), em artigo intitulado “Onde estão os penitentes”, já se podia constatar o desaparecimento dessa manifestação religiosa que ele classificou de “fato cultural”, em muitas cidades do estado. Tradição que o citado autor associou a uma herança ibérica no Brasil, envolta no segredo da oração martirizante, que se liga ao sentimento de dor e contrição pela Paixão e Morte de Jesus na cruz.

A penitência como uma oração pública feita pelo pecador com o objetivo de alcançar o perdão de suas falhas através do sacrifício do corpo, geralmente é efetivada através de uma procissão, ato religioso conceituado por Nunes (2008) como um cortejo solene de cunho piedoso acompanhado de cantos e rezas. Assim, a procissão penitencial é uma prática associada à crença na intervenção divina em benefício do humano: o vivo reza para amenizar as penas dos que já faleceram ou em agradecimento a algum benefício de ordem espiritual ou corporal que já tenha obtido através da divindade. Nesse último caso, o penitente caracteriza-se como promesseiro, pois sua manifestação de devoção é um ex-voto, ou seja, a materialização da graça alcançada por meio da providência divina.

Assim sendo, embora venha desaparecendo ou sofrendo as alterações que caracterizam a dinâmica de todo fazer cultural, a



penitência continua, nesse início de século XXI, fazendo parte do cotidiano quaresmal em Sergipe.

Essas procissões, muito comuns na Europa medieval, sobretudo em tempos epidêmicos, como a Peste Negra do século XIV, chegaram ao Brasil pelas mãos dos colonizadores portugueses, ganhando uma multiplicidade de formas em virtude das mais diversas apropriações dos fiéis em relação as práticas e representações religiosas difundidas pela Igreja Católica. Ficaram conhecidas como procissões de penitentes ou ainda como encomendação, recomendação ou alimentação das almas, sendo realizadas no período da Quaresma ou no mês de finados (novembro), caracterizando-se, também, pela solidariedade entre os vivos e os mortos, como oração dos que permanecem pensando “nesse mundo” pelos que já penam no “outro”.

278

É, portanto, um ato devocional intimamente relacionado ao cotidiano de sofrimento, sobretudo das populações menos favorecidas socioeconomicamente, que associam as suas dores diárias às do próprio Cristo em sua Via-Crucis rumo ao Calvário no qual acredita-se que foi sacrificado em prol dos pecadores.

Desse modo, a “Sexta-feira Santa”, dia no qual no calendário litúrgico da Igreja Católica se faz memória à Paixão e Morte de Cristo, torna-se o momento ideal para a prática penitencial em prol do perdão para os vivos e os mortos. Nesse dia, ocorrem atos votivos à Paixão em diversas cidades do Estado de Sergipe, a exemplo de Nossa Senhora das Dores, no Médio Sertão, que ganha destaque no cenário local pelo fato de ali ocorrerem quatro movimentos penitenciais - alguns centenários - onde seus participantes buscam imitar o “sacrifício redentor” do Crucificado e conseguir os benefícios dessa devoção através de práticas como a penitência, a oração e o jejum.

Devoção cujo símbolo maior é a cruz e tem início nas primeiras horas da madrugada da “Sexta-feira Santa”, quando começa a Procissão ao Cruzeiro do Século, fundada em 1983 e cujo ápice é a chegada, quando o sol já desponta no horizonte, ao cruzeiro erigido na virada do oitocentos para o novecentos. No turno da tarde, ocorrem as Procissões do Madeiro, que nasceu no final do século XIX, e a do

Senhor Morto, criada nos anos 1940. A noite da “Sexta-feira da Paixão” é concluída com a Procissão dos Penitentes, também originada nos fins do oitocentos e que termina nas primeiras horas do sábado.

Tendo essas procissões penitenciais como objeto de estudo, buscaremos compreendê-las por meio das práticas religiosas que delas emergem e que estão associadas a representações do além, em especial os rituais votivos às almas que compõem, sobretudo, as procissões do Madeiro e dos Penitentes. Para tanto, faz-se necessário o entendimento do imaginário católico ligado a esse contexto. Assim, tentaremos fazer uma etnografia desse imaginário, baseada, sobretudo, em escritos vinculados à própria Igreja, em orações e cantos que compõem o devocionário da “Sexta-feira Santa” e estão presentes nas procissões estudadas, na historiografia, em manuscrito que registra a história de um dos grupos e em entrevistas com participantes dos referidos atos.

Tomando como objeto de estudo penitentes e promesseiros que participam ou participaram de atos religiosos centrados na devoção à Paixão e Morte de Cristo e realizados sobretudo na “Sexta-feira Santa”, nos utilizamos do “método indiciário” impresso na obra do historiador Carlo Ginzburg (1989). Para ele, afinal, as fontes são indícios, sinais, fragmentos do passado que emitem signos que o historiador deve decifrar através da busca dos “pormenores mais negligenciáveis”, o que assemelha seu trabalho ao de médicos, detetives e críticos de arte.

Por outro lado, nos apropriamos da ideia de representação, oriunda da Nova História Cultural e conceituada pela historiadora Sandra Pesavento (2005, p. 43) como “formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo”. Outrossim, partimos da premissa de que, como entendeu um dos precursores desse conceito nas Ciências Sociais - o sociólogo Emile Durkheim (1996), em estudos como o nosso, as crenças (representações) exprimem a natureza especial dos ritos (práticas).

Práticas e representações religiosas que visam a sacralização de espaços, do tempo e da própria vida humana. Afinal, como podemos apreender nos escritos do filósofo e historiador Mircea Eliade (1992), *o homo religiosus é aquele que pauta sua existên-*



cia terrena em torno da necessidade de conexão com o sagrado, num processo contínuo de busca pela manifestação do divino (“hierofania”) através da abertura de canais de comunicação (“roturas”) que permitam ao fiel transcender e alcançar alguma graça.

Para entender rituais como a penitência e a oração pelas almas, por exemplo, faz-se necessário compreender as crenças que atuam na construção de uma visão de mundo e de si e que lhes dão legitimidade. Para isso, esboçaremos a seguir as crenças que permeiam a “Sexta-feira Santa” e que compõem o que o sociólogo Pierre Bourdieu (1998) chamou de *habitus*, isto é, um conjunto de práticas e representações religiosas que permeiam o imaginário de penitentes, beatas e promesseiros inseridos nas manifestações estudadas. Representações que levam o fiel a refletir sobre a Paixão e Morte de Cristo e seu significado na vida diária do próprio devoto, dando sustentação a práticas as mais diversas, e vice-versa.

Antes, porém, faz-se necessário compreender como a temática da penitência em Sergipe, e de modo especial em Nossa Senhora das Dores, tem sido tomada como objeto de estudo.

A penitência em Sergipe: apontamentos historiográficos

A História Cultural, ao ampliar as abordagens historiográficas para além do político e do econômico, nos permite a compreensão do passado em suas múltiplas faces, num olhar interdisciplinar que nos ajuda a compreender encontros e desencontros entre os agentes sociais, a partir das tensões, dos conflitos e das acomodações que vivenciaram e atuaram na formação de fazeres, saberes, crenças, hábitos, normas, enfim, de práticas e representações culturais as mais diversas. Nesse sentido, é possível perceber nessa “história das relações simbólicas de força” (CHARTIER, 2002, p. 95) a religião como parte dessas práticas e representações culturais construídas, transmitidas e ressignificadas historicamente.

Sobre o estudo dessa importante faceta da História em terras sergipanas, em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e



Geográfico de Sergipe no ano de 1999, a professora e historiadora Maria da Glória Santana de Almeida já chamava atenção para o fato de que, mesmo diante da quantidade e da qualidade dos documentos constantes nos arquivos locais, “há muito ou quase tudo a fazer sobre o papel da Igreja em Sergipe” (ALMEIDA, 1999, p. 61).

Afinal, segundo a autora, mesmo com estudos esparsos realizados no campo da Antropologia, da História e da Sociologia, bem como a expectativa gerada diante da criação, pelos professores da Universidade Federal de Sergipe, Verônica Nunes e Antônio Lindvaldo, do Grupo de Estudos Igreja, Religiosidade e Cultura de Massa em Sergipe, era necessário ir além das relações internas do clero e do seu papel na evangelização dos povos. Para Maria da Glória Almeida, era necessário avançar nos estudos historiográficos em questão, atentando-se para as “atenuações e adaptações das ‘verdades’ cristãs às exigências sociais e políticas” bem como perceber como a instituição esteve envolta em “contradições doutrinárias e em conflitos sociais” ao cumprir sua “função de conservação da ordem social” (ALMEIDA, 1999, p. 62-79, aspas da autora).

Parte dessa lacuna, passados mais de vinte anos da instigação à pesquisa que o artigo de Almeida provocou, vem sendo preenchida, sobretudo por estudos que têm brotado no seio dos cursos universitários de graduação e pós-graduação.

A penitência, como prática e representação religiosa do catolicismo enraizada nas identidades dos sergipanos, aos poucos está se descortinando, em suas múltiplas faces, através de estudos envidados por historiadores e por outros pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais.

No interior do estado, onde ainda repousam resquícios de um catolicismo colonial, leigo, devocional e penitencial, alguns estudos merecem destaque. É o caso daquele realizado por Ilma Menezes (2002) como requisito para conclusão do curso de História na Universidade Federal de Sergipe, no qual a autora investiga a diversidade de grupos de penitentes na cidade de Feira Nova. Com uma análise centrada entre os anos de 1955 e 1990, Menezes observou a existência de penitência no citado município como fruto do pagamento de promessas e da oração pelas almas, tendo como peculia-



ridade a presença feminina, as apresentações em vários dias (e não somente na “Sexta-feira Santa”) e um grande número de grupos, boa parte deles de duração efêmera, nascidos de rupturas ocorridas entre os próprios membros (MENEZES, 2002).

Em “Penitentes: devoção e autoflagelo”, Antônio Amaral (2003) caracteriza a penitência em dois segmentos, conforme sua finalidade, qual seja: a oração pelas almas realizada por “alimentadores” e o autoflagelo dos “penitentes da disciplina” em sua “trilha de fé e sangue”, ainda hoje encontrados na cidade de Ilha das Flores e analisados pelo autor como resquício dos tempos epidêmicos no Nordeste e do incentivo ao castigo corporal com o intuito de acalmar a ira da divindade.

Já no artigo intitulado “Caminhando com as almas: a alimentação das almas no agreste sergipano”, Borges, Maurício e Santos (2011) analisam o universo simbólico de práticas penitenciais situadas no povoado Lagoa Seca, município de Macambira, como elos entre presente e passado, “sinais de uma tradição” que é invocada anualmente com o intuito de sanar carências que o poder público não consegue abrandar, fazendo da penitência uma síntese dos dramas humanos. O sacrifício do corpo, como meio de elevação da alma em busca da salvação, para vivos e mortos, foi examinado pelos autores nesse estudo que envolveu dois grupos de devotos existentes naquela localidade interiorana.

No entanto, é da antiga capital, São Cristóvão, que vêm o maior número de estudos sobre a penitência e os seus múltiplos signos, não somente no campo da historiografia. A festa ou a solenidade do Senhor dos Passos e a diversidade de manifestações que dela emergem é o objeto de análise desses trabalhos.

Bittencourt Júnior (2003), por exemplo, tentou compreender, em sua dissertação apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade do Brasil, de que modo os participantes da procissão do Senhor dos Passos de São Cristóvão estabelecem entre si, com o sagrado, a igreja Católica e a sociedade, relações de comunicação que envolvem questões como fé, doença/cura, promessa, ex-voto e penitência. Penitência que o autor caracteriza como o sofrimento físico que expressa o arrependimento do devoto que se



reconhece pecador e busca purificar-se de suas faltas diante do divino através de práticas como o uso de vestes roxas, à semelhança do Senhor dos Passos; passar sob o andor que carrega a sua imagem; acompanhar a procissão descalço; ofertar um ex-voto; dentre outras (BITTENCOURT JÚNIOR, 2003).

Ex-votos que representam a materialidade de alguma graça alcançada ou almejada pelo devoto e que foram objeto de estudo do historiador José Nascimento dos Santos (2004), em sua monografia de conclusão da graduação em História, na UFS. Nela, o autor lançou seu olhar para a exposição permanente do Museu dos ex-votos, com o recorte temporal entre os anos de 1990 e 2003, classificando os objetos expostos em antropomórficos, zoomórficos, agrícolas, de valor, específicos, médicos e imateriais. Os mesmos foram entendidos pelo pesquisador como instrumentos comunicacionais (SANTOS, 2004).

Por sua vez, Lúcia Pereira (2012), em “Ícones de cura e de fé: as promessas da Igreja Senhor dos Passos em São Cristóvão, um discurso sobre a doença”, dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFS, faz um estudo etnográfico de ex-votos depositados pelos romeiros no citado Museu, e que ela preferiu denominar, como os devotos, de “promessas”. Objetos que, somados aos bilhetes deixados pelos fiéis, foram caracterizados pela autora como palavras e coisas que sintetizam a percepção da doença pelo fiel e como testemunho público da força do sagrado e da gratidão do humano. A caminhada no silêncio da procissão, com seus múltiplos papéis e significados, o jejum e a túnica roxa que cobre o corpo sofredor do devoto que paga a promessa são entendidos pela autora como práticas penitenciais (PEREIRA, 2012).

Já ao mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz, na Bahia, foi apresentada a dissertação “Vinde todas as pessoas e vede a minha dor”, na qual Ivan Aragão (2012) defende a festa/procissão do Senhor dos Passos como atrativo potencial ao turismo da cidade, num auto religioso católico que atrai sergipanos e devotos de outros estados, buscando perceber suas transformações e demandas sob pontos de vistas religioso, turístico, cultural, social, espacial e econômico.



No campo da História, Magno Santos (2015a), em seu *Caminhos da penitência*, fruto de monografia de bacharelado defendida na UFS em 2006, estuda a solenidade do Senhor dos Passos, com recorte temporal entre 1886 e 1920, a partir da sonoridade dessa procissão penitencial que compõe o contexto da Quaresma. Assim, num trabalho interdisciplinar que expõe tensões em torno do universo simbólico do evento, o autor percebe como o imaginário dos devotos é permeado por simbolismos que contribuíram para o aumento da devoção ao santo, fazendo da principal solenidade católica de Sergipe um “documento” que conecta passado e presente em suas permanências e mutações.

Dando prosseguimento a suas pesquisas sobre essa importante devoção dos sergipanos, o mesmo autor (SANTOS, 2015b), em tese denominada “O prefácio dos tempos: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX)”, apresentada à Universidade Federal Fluminense, estuda o processo de reinvenção desse evento religioso, com os conflitos e as negociações nele presentes e que envolveram diversos atores sociais (a elite política, frades franciscanos reformistas, intelectuais e leigos ligados às irmandades e contrários às mudanças).

284



A Penitência em Nossa Senhora das Dores: apontamentos historiográficos

Nosso estudo, no entanto, tem como limite espacial o município de Nossa Senhora das Dores. Situado no agreste sergipano, na região geopolítica denominada de Médio Sertão, o referido município foi criado em 11 de junho de 1859, quando a resolução provincial número 555 emancipou o então povoado dos Enforcados dos domínios políticos da Vila de Nossa Senhora da Purificação da Capela e o tornou sede de uma nova municipalidade com o nome de Vila de Nossa Senhora das Dores.

A toponímia Enforcados, cujo primeiro registro é uma carta de sesmaria doada em 04 de outubro de 1606 com o objetivo de ocupar aquele território com a criação de gado, tem sua origem no extermínio de indígenas que intentaram manter-se nas terras, rebelan-

do-se diante do desejo do colonizador de tomá-las e escravizá-los. Somente em meados do século XVIII, no entanto, registra-se a existência ali de uma povoação, entre os rios Sergipe e Japarutuba, que foi se desenvolvendo no século seguinte ao redor de uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores e graças à lavoura algodoeira. O local logo ficaria, portanto, conhecido como Nossa Senhora das Dores dos Enforcados (CARVALHO, 2015).

Elevado a freguesia em 28 de abril de 1858, o lugar edificaria sua história com base na influência do catolicismo, presente não somente em seu nome, mas nas principais manifestações da cultura de seu povo: o setenário e a festa votivos à padroeira a cada mês de setembro e as procissões penitenciais que ocorrem na “Sexta-feira da Paixão”.

Na historiografia local, a participação do catolicismo na trajetória histórico-cultural do município é estudada por Carvalho (2008, 2018) nos livros *Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de história e devoção* e *A torre da Matriz e outras histórias*. Ainda no campo das religiosidades, a monografia da historiadora Maria José da Cunha Santos (2002) traçou um perfil biográfico de Marizete Costa Vieira, zeladora da igreja matriz da cidade, considerada pela autora como um “símbolo de fé”. Por sua vez, também em estudo monográfico, o historiador Valmor Ferreira Santos (2004) analisou a presença Batista na cidade e os conflitos com a Igreja Católica daí surgidos, com recorte temporal nos anos de 1933 a 1940.

No que se refere ao estudo da penitência no campo religioso dorense, no entanto, merecem destaque os estudos pioneiros empreendidos pelas professoras Gisselma Silva de Jesus Almeida e Magneide Santana Lima, que emergem do curso de graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. À luz dos conceitos de *campo* e *habitus*, de Bourdieu, as referidas historiadoras buscam compreender períodos conflituosos da trajetória de procissões penitenciais que ocorrem na cidade desde o final do século XIX, em cortejos intimamente ligados à oração pela remissão dos pecados de vivos e mortos, bem como ao pagamento de alguma promessa que tenha levado o devoto a alcançar graças através do sagrado.

Almeida (2002), em sua monografia “Procissão do Madeiro: devoção e diversão em N. S. das Dores entre os anos de 1992 e 1997”,

estudou os conflitos internos na procissão conhecida como “Madeiro”, após a morte de seu líder e descendente da família fundadora dessa manifestação religiosa, Manoel Pajaú, e a ascensão do membro Paulo Figueiredo. Dessa nova liderança, emergiu a introdução de cenas da Paixão e Morte de Cristo no percurso da procissão, dentre outras mudanças que passaram a atrair uma multidão de curiosos, mas que, por quebrarem características da “tradição”, desagradaram aos membros mais antigos, gerando conflitos com a família dos seus criadores.

Já a monografia de Lima (2002), intitulada “Penitentes de Nossa Senhora das Dores: Explosão de Fé 1990 – 2000”, aborda o crescimento no número de participantes e de acompanhantes da procissão dos “Penitentes”, num processo de atração de pessoas à cidade na “Sexta-feira Santa”, durante a década de 1990, fato que a autora associa à sua divulgação nos meios de comunicação e à quebra de uma das regras da manifestação, qual seja: a não permissão da entrada de menores de 18 anos e os embates que essa flexibilização do *habitus* promoveu no campo religioso local.

Por sua vez, na dissertação apresentada por Carvalho (2019) ao Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, que resultou no livro *Uma Cruz para os Enforcados: práticas penitenciais em Nossa Senhora das Dores-SE*, o autor analisa um conjunto de crenças e ritos associados à penitência e presentes em diversas manifestações religiosas que ocorrem no município na chamada “Sexta-feira Santa”, com foco nas procissões denominadas de Cruzeiro do Século, Madeiro, Senhor Morto e Penitentes, buscando compreendê-las em suas múltiplas temporalidades, embates e apropriações.

Por fim, Carvalho e Bittencourt Júnior (2015) são autores do dossiê “Procissões de devoção à Paixão de Cristo em Nossa Senhora das Dores (SE)”, que embasou solicitação encaminhada por entidade cultural local¹ à Assembleia Legislativa de Sergipe e que resultou no reconhecimento de um conjunto de procissões penitenciais que

¹ Trata-se do “Projeto Memórias”, instituição fundada em Nossa Senhora das Dores no ano de 2003, congregando professores, pesquisadores e produtores culturais em torno da necessidade de estudo e conhecimento da história local.



ocorrem no município na “Semana Santa” como Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe².

Vejam, a seguir, como o imaginário penitencial dessas procissões, com suas práticas e representações, está constituído.

A “sexta-feira santa” e o imaginário católico

Os atos penitenciais que são foco de nossa análise ocorrem na “Sexta-feira Santa”, também conhecida como “Sexta-feira da Paixão”, pois, nesse dia, situado em data móvel entre os meses de março e abril, se faz memória à Paixão e Morte de Cristo. Martírio que se efetivou por meio da cruz, símbolo maior do cristianismo. Essa data é seguida pela comemoração da Páscoa, a ressurreição do Crucificado, celebrada no primeiro domingo após o início do outono no Brasil (DELUMEAU e MELCHIOR-BONNET, 2000). É antecedida pela “Quaresma”, um tempo de preparação para a Páscoa, por meio da oração, do jejum, da esmola e da conversão, sendo um momento de convite ao pecador para, inspirado pelo sofrimento do Cristo, refletir sobre seus pecados e arrepender-se.

Para o padre João de Deus Gois, o tempo quaresmal é propício ao arrependimento, seguido da penitência e da repulsa ao pecado como meios de obtenção do perdão e do início de uma “nova vida”, inspirada na mensagem de Jesus Cristo. O referido sacerdote cita uma das orações de bênção das cinzas, entoada durante o ritual do dia que inicia o tempo quaresmal (a “Quarta-feira de cinzas”), como confirmação desse sentimento de transformação que a Igreja busca incutir no fiel: “reconhecendo que somos pó e ao pó voltaremos, consigamos pela observância da quaresma, obter o perdão dos pecados e viver uma vida nova, à semelhança do Cristo Ressuscitado” (GOIS, 2004, p. 38).

Assim sendo, nos quarenta dias seguintes às “cinzas”, na chamada “Quaresma”, especialmente nos dias de quarta e sexta-feira, a Igreja incentiva os católicos a voltarem-se à prática da oração, do jejum (com a abstinência de carne vermelha) e da penitência.

² Lei nº 8.051, de 22 de outubro de 2015 (Diário Oficial. Sergipe, nº 27.324, 26 de outubro de 2015).

Tais atos têm sua maior expressividade durante as Vias-Sacras, mas também nas rezas feitas em cruzeiros, santas-cruzes, capelas e cemitérios onde se pede em favor das almas dos vivos e dos mortos, principalmente por meio de benditos, ladainhas, ofícios e terços.

A Via-Sacra, também chamada de Via-Dolorosa ou Via-Crúcis, é uma caminhada penitencial na qual se rememoram os passos da Paixão de Cristo, seus sofrimentos ao carregar pesada cruz em benefício dos pecadores. Em Nossa Senhora das Dores (SE), a principal das Vias-Sacras é realizada às 4 horas da manhã da “Sexta-feira Santa”, quando milhares de fiéis de todas as idades saem, meditativos, do cruzeiro localizado em frente ao templo dedicado à padroeira da cidade até o alto de uma serra conhecida como “Cruzeiro do Século”, num ato penitencial iniciado no ano de 1983, para rogar pelo fim da seca que assolava a região desde 1979, e que é mantido até hoje pelos devotos.

288



Dentre as práticas penitenciais realizadas nesse “tempo de conversão”, podemos destacar o jejum, a promessa, o ex-voto, a confissão e a oração. Atos devocionais que, no imaginário católico, estão permeados pela crença na vida após a morte e na existência, nela, de lugares reservados à punição e purgação dos pecadores, como os temidos “inferno” e “purgatório”, bem como pelo desejo de alcançar o “paraíso celeste” reservado aos capazes de arrepender-se e mudar de vida.

É importante ressaltar que a “Sexta-feira Santa”, em respeito à morte do Salvador, deve ser um dia permeado pelo silêncio e por algumas proibições, como tocar sino, rezar missa, ouvir música, pegar ou consumir qualquer coisa que tenha sangue, vender algo, trabalhar, alimentar-se de carne vermelha etc. Em algumas igrejas, está presente ainda o antigo costume de cobrir as imagens dos santos com panos roxos, cor litúrgica utilizada nos paramentos durante a Quaresma (PEREIRA, 2005). Enfim, é um dia que insere o devoto num tempo mágico, o tempo da Paixão de Cristo, que comove, ritualiza a memória, reatualiza o sofrimento e o sacrifício, conecta humano e divino numa multiplicidade de emoções (SANTOS, 2015b).

A “Sexta-feira Santa” está envolta num imaginário composto de resquícios da cultura medieval, tendo sido formado ainda nos tempos do Brasil colonial, com práticas e representações religiosas transpostas pelos colonizadores portugueses, com forte caráter leigo, familiar, devocional e social (AZZI, 1978; HOORNAERT, 1991). Nele, àqueles que “aqui” praticarem o bem e seguirem os ensinamentos de Cristo está reservado o “paraíso” no “outro mundo”, já aos que praticarem o mal cabe, como punição, o “inferno”, onde serão “por toda a eternidade” submetidos aos castigos do demônio. Nessa geografia do além, há ainda lugar para o “purgatório”, “espaço” intermediário cuja crença surgiu entre os cristãos no século XII, e ao qual são “entregues” as almas dos pecadores para “purgarem” seus pecados antes do “juízo final”, onde se decidirá se às mesmas caberão as benesses do paraíso ou as tormentas do inferno (LE GOFF e SCHMITT, 2006).

Nesse cristianismo pautado no medo, os fiéis são levados a viver em virtude da salvação de suas almas, sendo mais forte o temor do “inferno” que o desejo do “paraíso”. É o que pode ser percebido numa das orações mais significativas da procissão dos Penitentes, realizada em Nossa Senhora das Dores (SE) na noite da “Sexta-feira Santa”, e que justifica o sacrifício do corpo realizado pelo devoto:

- 1º Pecador, pecador,
 ouve a voz do Eterno
 Que te manda oferecer
 penitência ou Inferno.
 Refrão: Piedade, Senhor
 Piedade
 Piedade
 é de nós pecador
- 2º Das duas coisas escolhe
 assim diz o Deus Eterno
 Para tua salvação
 penitência ou Inferno.
- 3º É breve a vida e a morte
 te reduz ao tempo eterno
 Para tua salvação



penitência ou Inferno.
 4º Estes conselhos te dou
 em nome do Deus Eterno
 De tudo te desengana
 penitência ou Inferno³.

Assim sendo, é possível observar a força da crença na existência do Inferno no imaginário do penitente, lugar caracterizado por trevas, gritos, ruídos apavorantes, fedor, fogo que queima ininterruptamente os condenados, que, por conta de seus pecados, são castigados pelo demônio. Por outro lado, o paraíso, seria um lugar de paz e alegria cujo modelo é a Jerusalém Celeste (LE GOFF e SCHMITT, 2006).

A certeza da finitude da vida e a existência, na geografia do pós-morte, de um lugar chamado “purgatório”, que seria reservado aos homens “não totalmente bons” e “não totalmente maus” que cometeram “pecados leves” “neste mundo”, também pode ser percebida nessas manifestações (LE GOFF e SCHMITT, 2006). Afinal, a penitência não é dedicada somente aos vivos, mas também aos mortos, uma vez que são realizadas orações em sufrágio das almas em locais como cemitérios, cruzeiros e santas-cruzes.

Partindo dessa percepção, podemos compreender melhor o escrito intitulado “O que é ser Penitente”, que compõe o “Livro de Registro” da procissão homônima, manuscrito que nasceu da tentativa de colocar no papel a memória oral do grupo, que na época se aproximava dos cem anos de existência.

Ser penitente é dar algo de si em benefício de alguém que já não vive entre nós, de alguém que vive na eternidade segundo nossas crenças; Nossos parentes, nossos amigos, enfim nossos entes queridos que dormem o sono eterno até que sejam despertadas para verdadeira vida, a vida eterna. Nossas preces são para eles um lenitivo, um bálsamo a amenizar-lhes os sofrimentos. Portanto, procuremos fazer nossa penitência que a cada ano se renova, sempre com o coração

³ Gravada pelo autor durante a realização da manifestação no ano de 2005.

cheio de fé, de esperança, de caridade e acima de tudo, confiança em Nosso Pai eterno que nos ouve, e sem dúvida dará a cada, a recompensa merecida segundo suas ações. Penitente, seu ato de penitenciar-se não é em vão, procure fazê-lo corretamente, participe não apenas com sua pessoa, lembre-se que toda palavra que sai pela boca nasce do coração, e sua fé pode salvar, participe com o coração (ASSOCIAÇÃO DOS PENITENTES DE N. SRA. DAS DORES, 1980, p. 2).

Desse modo, fica evidente na “Sexta-feira Santa” o caráter comunitário dessas manifestações, não somente de controle social pela necessidade de seguir regras de convívio e da busca pela remissão dos pecados (QUEIROZ, 1961), mas também de solidariedade entre os vivos, que são chamados ao arrependimento, bem como desses para com os mortos, por quem rezam com o objetivo de amenizar suas penas no além.

Na “Sexta-feira Santa”, a procissão penitencial se torna uma prática de memória da Paixão de Cristo. Tem como base para sua realização a Via-Sacra, fazendo desse ato a mais expressiva forma de devoção presente nas festas religiosas, bem como um instrumento de evangelização e legitimação de um discurso que atua na formação de um *habitus*⁴ religioso (BOURDIEU, 1998).

A via-sacra como prática e representação religiosa

A Via-Sacra é uma procissão penitencial que percorre lugares considerados sagrados, tendo, à frente dos fiéis, uma cruz, procurando refazer os “passos” de Cristo rumo ao Calvário, onde foi crucificado. Essa prática mimética vincula-se, pois, à devoção à Paixão e Morte de Cristo e leva o fiel a integrar o sagrado ao seu cotidiano.

⁴ Sistema de disposição duradouro e transponível, estrutura estruturada e estruturante que funciona como princípio gerador e organizador de *práticas e representações* voluntárias e involuntárias, “grade de leitura” pela qual percebemos e julgamos a realidade e produzimos nossas práticas. O *habitus* é adquirido pelo indivíduo ao longo do processo de socialização e possui forte relação com o *campo* no qual o mesmo se insere. Ver BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Coleção estudos).

Afinal, ao fazer penitência o fiel busca repetir a obra redentora da divindade com vias a conseguir benefícios de ordem material e espiritual (PEREIRA, 2005).

Essa oração pública tem seu percurso marcado pelas chamadas “estações”, pontos onde a prece relembra momentos da Via-Dolorosa na qual Cristo carregou a cruz em que foi morto. O número dessas “estações” é variante, sendo mais comum que sejam sete (em referência às sete horas canônicas) ou catorze (Via-Sacra completa instituída no século XVII pelo Papa Inocêncio XI). No entanto, mais recentemente, surge a Via-Crucis com quinze paradas, incluindo-se a última como representação da ressurreição (GOIS, 2004).

A Via-Sacra tem, pois, um papel pedagógico na catequese do fiel, uma vez que em cada uma das “estações”, sejam em número de 7, 14 ou 15, se transmite ao penitente parte da doutrina que se quer ensinar e que o mesmo apropria-se de acordo com seus interesses espirituais e materiais.

A cruz, levada à frente da procissão, é seu símbolo maior, conduzindo os fiéis ao longo de sua jornada penitencial, e é a representação mais expressiva da remissão dos pecadores através da Paixão e Morte de Cristo. A devoção à cruz chegou ao Brasil no século XVI juntamente com os portugueses, que tão logo aqui aportaram, trataram de batizar o território de Ilha de Vera Cruz e, logo após, Terra de Santa Cruz. Assim, “descoberto” o Brasil, erigiu-se uma grande cruz de madeira e rezou-se a primeira missa naquelas paragens, ficando-se assim o marco da conquista e o local onde seria efetuado o culto litúrgico. A cruz caracteriza-se como um sinal de devoção que foi se tornando expressão da religião oficial e, ao mesmo tempo, da fé popular (ALMEIDA, 2002).

Utilizada como forma de evangelização, seja através da afixação de quadros nas Igrejas que representam os passos da Paixão ou por meio da realização de procissões que seguem seu roteiro e relembram o sacrifício redentor de Cristo, a Via-Sacra é, portanto, uma das mais fortes expressões de religiosidade que ocorrem durante a Quaresma. Ao participar delas, o devoto faz memória da divindade e de sua obra redentora ao sentir suas dores. Do mesmo modo, busca



comunicar-se com o sagrado a partir de “roturas”⁵ que possibilitem conseguir benefícios de ordem espiritual e material. Nessa relação entre o plano terrestre e o plano celeste, entre o fiel e Deus ou um de seus intermediários, ganham destaque práticas como a promessa, o ex-voto e a penitência.

A penitência como pagamento de promessa e ex-voto

Para os devotos que participam das manifestações religiosas aqui estudadas, Cristo morreu para salvar a humanidade e para trazer benefícios como a salvação das almas dos pecadores. Isso faz com que eles vejam a “Sexta-feira Santa” como um tempo de graça no qual, ao praticar alguma ação piedosa, lhes podem ser concedidos benefícios de natureza espiritual e material. Assim sendo, a promessa é uma das formas encontradas por eles para conseguir saúde, emprego, bens materiais etc., o que depende exclusivamente da fé de quem pede.

Alcançada a graça almejada, pela intercessão do sagrado, cabe ao fiel o compromisso de fazer o pagamento do prometido a Deus ou a um de seus intermediários. Desse modo, muitos dos penitentes participam da procissão com os pés descalços, alguns depositam velas nas estações da procissão, outros levam ao local sagrado algum elemento que simbolize aquela graça conseguida (o ex-voto), muitos usam determinado tipo e cor de roupa (roxa, preta ou branca) durante a quaresma e/ou nas quartas e sextas-feiras, dentre outras práticas que caracterizam os chamados promesseiros.

As promessas podem ser cumpridas durante três anos (numa referência à Santíssima Trindade), sete anos (lembrando os “Passos” de Cristo ou as “Dores” de Nossa Senhora) ou catorze anos (alusão às estações da Via-Sacra tradicional), sendo mais comum nas manifestações aqui estudadas o número sete. Esses também

⁵ Aberturas de canais de comunicação entre os planos terrestre e celeste que permitem ao homem, pela manifestação do sagrado que aí se revela, transcender e obter graças. Devido à presença do sagrado, os espaços nos quais ocorrem as procissões são, pois, santificados. Ver ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência da religião. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 32-61.

são números que caracterizam a quantidade de paradas para oração penitencial, as chamadas estações. Encontramos três delas, por exemplo, sendo percorridas pelos penitentes de Feira Nova (MENEZES, 2002), sete pelos romeiros do Senhor dos Passos de São Cristóvão (PEREIRA, 2012) e quatorze pelos penitentes de Nossa Senhora das Dores (LIMA, 2002).

Entretanto, o pagamento da promessa não se limita apenas a um diálogo feito entre fiel-promesseiro e divindade, pois, para o devoto, o arrependimento dos pecados ou a existência de fé podem ser notados pelos seres celestes num gesto, numa ação, no “coração do fiel”. Assim, há na penitência do promesseiro a tentativa de diálogo, também, com os de “fora” da procissão, com os não participantes daquele ato piedoso, mas que igualmente a ele possuem necessidades temporais e materiais (BITTENCOURT JÚNIOR, 2003).

294

Desse modo, pagamento de promessa e penitência tornam-se atos educativos nos quais o devoto transmite aos “outros” (não-penitentes) uma mensagem. Isso pode ser visto, por exemplo, na procissão do Madeiro que ocorre na tarde da “Sexta-feira Santa”, em Nossa Senhora das Dores, há mais de cem anos. Ali, os participantes, ao chegarem às “estações”, chamam os pecadores, que participam e que assistem ao ato, a arrependerem-se. É o que podemos ver no trecho abaixo:

Coro: Vinde pais e vinde mães
 Vinde todos à missão
 Para cuidar como cristãos
 E alcançar a salvação.

Pecador arrependido
 pobrezinho pecador
 Vem abraça-me contrito
 sou teu Pai, teu Criador

Ouvi pais nossos rogos
 ouvi mães nosso bradar
 Pois uma alma temos todos
 o que importa é se salvar

Com as lágrimas nos olhos
 por amor à Santa Cruz
 Pais e mães nós vos pedimos
 ouve a voz do Bom Jesus

Misericórdia vos pedimos
 misericórdia Deus de amor
 Pela Virgem Mãe das Dores
 perdoai-nos Deus de amor

Vais de pecado em pecado
 vai de horror em horror
 De um dia para o outro
 assim o pecador.⁶

É possível perceber nesse cântico referência a uma antiga prática do catolicismo, em especial na região nordeste, as santas-missões, que tinham como um de seus objetivos preparar o povo pela penitência como ato remissivo de suas culpas e salvador de suas almas (MORAIS FILHO, 2002). No final do século XIX, quando surgiu a procissão do Madeiro, época marcada por secas e doenças epidêmicas, enfim, pela presença mais firme do drama do sofrimento e da morte, há registros de pelo menos duas missões capuchinhas na cidade em 1886 e 1895 (CARVALHO, 2019).

Esse período compreende um momento de intensa atividade dos capuchinhos italianos sediados no Convento da Piedade, em Salvador (BA), com “missões populares itinerantes” realizadas nos sertões sergipano e baiano, atuando diretamente na formação de práticas e representações religiosas associadas a um catolicismo leigo, penitencial e devocional e centradas no perdão pela cruz (PERCORARI, 2003). Chamando o pecador ao arrependimento, com cânticos peculiares retirados do livro *Âncora da Salvação*, de autoria dos próprios capuchinhos e ainda hoje presente no imaginário devoto (como “Vem, vem pecador” e “Vinde todos à missão”), os “missionários do povo” iam semeando a prática penitencial como instrumento purgativo dos pecados e caminho de mudanças de

⁶ Gravada pelo autor durante a realização da manifestação em 2005.

vida, numa pedagogia religiosa amparada na triade pecado-medo-castigo (CUNHA, 2008; PERCORARI, 2003).

Nessas práticas religiosas capitaneadas pelos missionários capuchinhos, a Igreja intentava esforços para levar os fiéis a expiar seus pecados e seguir seus dogmas. Para isso, utilizava-se das representações do céu, do purgatório e do inferno e da prática penitencial como catequese. A cruz era o principal símbolo desse evento, que geralmente era encerrado com a fixação de um cruzeiro num local preestabelecido. O “piedade, Senhor / Tende piedade, / É de nós, pecador” dava o tom de praticamente todos os atos da santa-missão, compondo o universo simbólico-oracional da procissão dos Penitentes de Nossa Senhora das Dores. (CUNHA, 2008; MORAES FILHO, 2002).

Já o “Vinde todos à missão” é um dos principais cânticos do itinerário da procissão do Madeiro, da mesma cidade sergipana, que recebeu esse nome devido à grande cruz que é conduzida pelos homens que dela fazem parte. Uma particularidade dessa manifestação é a presença de mulheres, que na atualidade trajam roupas pretas, cobrem o rosto, portam terços nas mãos e são conhecidas como “beatas”. Muitas delas são pagadoras de promessas. Existem beatas idosas e também jovens a partir dos sete anos. Sete também é o número simbólico de anos que o(a) promesseiro(a) deve participar do ato votivo.

Nesse imaginário, faz-se necessário, portanto, repetir-renovar anualmente a penitência, o compromisso, participar novamente da procissão e “sofrer como Cristo sofreu”, para que, assim, o devoto alcance a salvação. São as necessárias reatualizações dos gestos divinos que mantêm o *homo religiosus* vivendo num ambiente povoado de sacralidade (ELIADE, 1992). Esse mimetismo está presente, por exemplo, na fala de uma beata de 39 anos, por nós entrevistada em 2006 e que seguia o Madeiro desde os 10 anos de idade: “Diante do sofrimento de Jesus é nada o que a gente tá fazendo” (BEATA, 2006).

A promessa é vista pelos fiéis como uma forma eficaz de estabelecimento ou manutenção de vínculos entre os fiéis e o sobrenatural, sendo que a não correspondência por parte do penitente pode representar a perda do bem material conseguido, o retorno da



doença etc. É o que podemos ver na fala do senhor José Soares dos Santos (funcionário público aposentado conhecido como Zé Teiú), participante da procissão do Madeiro: “Eu fiz uma promessa. Eu achei que Deus me ajudou que eu fiquei são. Eu tenho vontade de continuar a sair com essa procissão até quando eu guentar” (SEXTA-FEIRA SANTA, 2007, DVD).

Foi por meio do pagamento de promessas que surgiram e cresceram as centenárias procissões do Madeiro e dos Penitentes em Nossa Senhora das Dores (ALMEIDA, 2002; LIMA, 2002). Ao observar nessas manifestações religiosas a presença de pessoas que ali estão por questões de cura de alguma enfermidade, tal qual José Soares dos Santos, é possível perceber, como fez Lúcia Maria Pereira (2012), em seu estudo etnográfico dos ex-votos dedicados ao Senhor dos Passos em São Cristóvão, que a doença não é somente um fato biológico, mas também cultural. Afinal, como concluiu essa última autora, “a doença mais que um conjunto de sinais físicos, é um complexo de experiências associadas a redes de significados e de interação social, não é um fato isolado, mas um processo que reconhece sintomas, diagnóstico e escolhe a forma de tratar e avaliar” (PEREIRA, 2012, p. 28). Nesse complexo de experiências, para o *homo religiosus*, a fé é o principal instrumento de cura.

Assim, o pagamento da promessa constitui, portanto, uma ação votiva dedicada a Deus ou a um de seus intermediários, que pode ser visualizada na participação em algum ato religioso (como as procissões, por exemplo) ou na colocação de símbolos (como quadros, imagens, fotos etc.) que representem o prometido em locais sagrados (igrejas, cemitérios, cruzeiros etc.) ou aos pés de imagens sacras.

Esse símbolo, chamado de “ex-voto” é, com efeito, a materialização da graça concedida ao promesseiro e o exemplo, mostrado pelo devoto aos “outros”, de que o sobrenatural atua na vida humana. Cumpre, como nos mostram Magno Santos e Verônica Nunes (2005), uma função religiosa que o torna documento cultural representativo de necessidades individuais ou coletivas; expressão dos receios, crenças e esperanças do fiel. É, portanto, “imagem-testemunho do milagre” (NUNES, 2003).



Podemos afirmar, ainda, que o ex-voto depositado na santa-cruz ou aos pés do cruzeiro por um penitente não se caracteriza como a única forma de materializar a graça alcançada. A própria penitência pode ser considerada um ex-voto, representação que é do benefício material ou espiritual concedido por Deus ao penitente. Igualmente, é um sinal da misericórdia divina para com o pecador arrependido, como podemos perceber na “Oração ao Senhor Deus”, entoada pelos fiéis ao longo das procissões da “Sexta-feira Santa” em Nossa Senhora das Dores (SE):

Senhor Deus, Misericórdia (BIS)
 Senhor Deus, pequei Senhor, Misericórdia (BIS)
 Senhor Deus, pequei Senhor, mas pelas Dores de Vossa Mãe Maria Santíssima, Misericórdia (BIS)
 Senhor Deus, pequei Senhor, mas pela Vossa Sagrada Paixão e Morte, Misericórdia (BIS)⁷

298



A presença do Cristo Crucificado e de sua mãe Maria, representada na invocação a Nossa Senhora das Dores ou da Soledade, é muito forte nessa oração, não só como meio para se alcançar o perdão dos pecados, a salvação da alma ou a concessão de alguma graça, mas também pela associação com o sofrimento cotidiano do próprio devoto, que se vê no sofrimento que brota da cruz e do olhar mariano diante da morte do primogênito. É como se, da cena do Calvário, o olhar de Cristo e de Maria se cruzassem com o do penitente.

No cristianismo, segundo o teólogo e monge beneditino Philippe Rouillard (1999), a penitência é uma prática existente desde as primeiras comunidades do século I, quando já era vista como forma de remissão de pecados, reconciliação com Deus e retorno à comunhão comunitária, um “segundo batismo”. O primeiro purificando do “pecado original”, sob o qual todos são concebidos, fazendo membro da comunidade o batizado; o segundo livrando-o do pecado cometido dali por diante.

A possibilidade de reconciliação com Deus e de uma eternidade sem penares está no pano de fundo da chamada “Oração do itinerário-

⁷ Gravada pelo autor durante a manifestação em 2005.

rio”, que o grupo dos Penitentes de Nossa Senhora das Dores (SE) entoa quando está se dirigindo de uma estação a outra, lembrando ao pecador da finitude da vida e das aflições de um além-morte de purgação.

Não confie na vida
que é transitória
da morte a lembrança trazes na memória

Refrão: Piedade Senhor

Piedade

Piedade

De nossos pecados

Que o morrer é certo
ninguém não ignora
não se sabe quando
nem quando é a hora

Refrão ...

Se hoje te vês
são, robusto e forte
talvez que hoje mesmo
te conclua a morte

Refrão ...

Se morreres em culpa
assim obstinado
não terás desculpa
serás condenado

Refrão ...

O Bom Jesus que agora
te busca amoroso
teu juiz será
o mais rigoroso

Refrão ...

Nas chamas eternas
oh! Que aflição
cheio de tormentos
viverás então

Refrão ...

Os sentidos todos
de dor penetrados
te farão brotar
em ais magoados



Refrão ...
 Uma eternidade
 te está esperando
 ou de prazer cheia
 ou sempre penando
 Refrão ...
 De braços abertos
 Jesus te espera
 olha pra tanta dor
 que nele se encerra
 Refrão ...
 (ASSOCIAÇÃO DOS PENITENTES DE NOSSA SENHORA DAS DORES, 1980, p. 24-26).

A partir do século XIII, no entanto, a prática penitencial passou a ser mais fortemente associada à Paixão e Morte de Cristo e à purificação dos pecados, especialmente por inspiração dos franciscanos. Com o Concílio de Trento (1545-1563), já no contexto da Contrarreforma, a penitência foi codificada e justificada teologicamente, legitimando esse sacramento da Igreja Católica instaurado pelo IV Concílio de Latrão (1215). Trento, porém, vinculou esse sacramento ao arrependimento, à confissão de suas falhas (ligada à autoridade sacerdotal ora contestada pela Reforma Protestante) e ao desejo de viver uma “vida nova” onde não mais existisse o pecado. (ROUILLARD, 1999).

Muitas foram as apropriações desse sacramento pelos fiéis. Uma das quais vincula a penitência não somente a um modo de imitar a divindade ou reabilitar-se perante Deus, mas de alcançar o perdão e a salvação da alma para os falecidos.

Alimentadores de almas: a penitência e o além-morte

Nas procissões do Madeiro e dos Penitentes os devotos fazem paradas para oração em cruzeiros, cemitérios, capelas e santas-cruzes. Muitas dessas estações são comuns às duas manifestações, tendo em vista seus surgimentos num mesmo contexto e o fato de alguns dos seus participantes penitenciarem-se em ambas, já que a primeira se dá no turno da tarde e a segunda à noite. (ALMEIDA, 2002; CARVALHO, 2019; LIMA, 2002).



Nessas duas procissões penitenciais de remissão de pecados dos vivos e dos mortos, as orações são as mesmas, à exceção da meditação da Via-Sacra, que os Penitentes rezam no início de cada parada. Após o sinal da cruz, entoam-se Pais-Nossos e Ave-Marias pelas almas que estão “no mau caminho”, “nas ondas do mar” e “no purgatório”. Canta-se a Salve Rainha, seguida pelo “Pedido ao Senhor Deus” e, de joelhos, o “Senhor Deus”.

Dessa forma, a prática penitencial ganha uma característica de salvação das almas dos pecados, não somente dos fiéis praticantes, mas também dos falecidos por quem eles rezam. Afinal, está presente no imaginário católico a crença de que os vivos podem contribuir para diminuir as penas às quais estão sujeitos os mortos na “outra vida”. Dentre eles estão os chamados “sufrágios”, como preces e missas das quais nascem celebrações “de corpo presente”, “de sétimo dia”, “de trigésimo dia” etc., bem como as orações em prol das “almas”.

Orações que, no período quaresmal, podem ser feitas nos cemitérios (locais onde são sepultados os “fiéis defuntos”), nas santas-cruzes (pequena cruz ou capela construída em lugar onde alguém veio a óbito, geralmente de modo trágico), nos cruzeiros (grandes cruzes que remetem à Paixão e Morte de Cristo e que geralmente são erigidos em locais altos que lembram o Calvário, na frente das igrejas, como marco de atividades religiosas tais quais as santas missões etc.) e nas encruzilhadas (intersecção de duas estradas ou caminhos que dão a forma de cruz).

Nestes locais costuma-se depositar velas acesas com o intuito de “iluminar” a existência daqueles que na “outra vida” estão penando na escuridão. Afinal, como afirma o historiador João José Reis em estudo sobre as representações da morte no Brasil oitocentista, “do ponto de vista ritual, a cera ajudava a abrir o caminho do morto nas trevas da morte, simbolizando o esvaír da matéria” (REIS, 1997, p. 118).

Reis (1997, p. 96-104) nos mostra, ainda, como no Brasil do século XIX a morte era uma “representação social” importante, pois, na cultura da época existia o desejo de uma “boa morte”, ou seja, a passagem para o “outro mundo” de forma ritualizada, convalescendo em casa na presença dos familiares e recebendo os sacramentos da Igreja. Dessa forma, a morte trágica, muitas vezes sem direito

aos ritos funerários e à “sepultura cristã” no interior de um templo ou campo consagrado (cemitério) levavam os vivos a se dedicarem à oração para amenizar os sofrimentos daqueles que não conseguiram fazer a travessia para a eternidade da forma desejada.

Daí, podemos compreender as rezas de penitentes e alimentadores de almas nos cemitérios, cruzeiros e santas-cruzes pelos que vagam “nas ondas do mar” ou que penam “no mau caminho” e “no purgatório”, num ato de solidariedade que mantêm os vivos conectados entre si e com os mortos. Afinal, como aponta Santos,

[...] a morte constituía uma das principais preocupações da população até as últimas décadas do século XIX. A preocupação não estava relacionada com a morte em si, mas sim com a morte desamparada, em uma sociedade marcada pelo forte sentimento de religiosidade e por epidemias, assegurar a realização dos ritos fúnebres tornava-se preocupação central (SANTOS, 2015a, p. 48).

302



Para esse fim, nasceram em diversas partes do Nordeste as procissões de “encomendadores de almas”, pessoas que na Quaresma, na “Sexta-feira Santa” ou no “dia de finados” dedicavam orações e penitências em sufrágio das almas. Uma delas foi encontrada pela artista plástica sergipana Rosa Faria (1970), na década de 1970, no povoado Itapicuru, em Nossa Senhora das Dores, onde não mais existe. Assim anotou a artista:

“Recomenda das Almas” é a forma popular da encomenda dos defuntos. É um trabalho que o povo faz em lugar de um agente oficial da religião, o Padre. É um ato religioso que dá grande conforto espiritual aos que vivem na roça. Os seus executores são “os encomendadores”. Um bando de homens sai, por ocasião da quaresma até a Semana Santa, todas as quartas e sextas-feiras, à noite para a “recomenda das almas”. Os recomendadores das almas – usam roupas comuns e alguns colocam cobertores na cabeça. Um deles carrega um cacete para evitar os cães-vigia e também para bater na porta das casas, pedindo silêncio. Em

alguns lugares os “recomendadores” levam berra-boi, sacarraia, ou mesmo matraca. Quando se aproximam de uma casa, cantam sem acompanhamento de instrumentos musicais.

Quando nesta casa eu chego toda imagem se alegra.
Deus te salve casa santa e toda gente que está nela.

Rezam um Pai Nosso e uma Ave Maria.

Percorrem várias casas, fazem questão que o número de casa seja ímpar. O fogo dentro das casas deve estar sempre apagado. Em muitas das janelas são colocados café e comidas para os “recomendadores”.

Rezemos outro Padre Nosso

Rezemos alegres e contentes

Padre Nosso, Ave Maria

Pelas almas dos Penitentes (FARIA, 1970, s/p, aspas da autora).

Encomendação, recomendação, alimentação das almas ou penitência em prol dos defuntos que são manifestações religiosas existentes ainda hoje nas quatro regiões do Brasil e realizadas por grupo espontâneos, nascendo da percepção do sofrimento e da dor diária por esses fiéis e do fatalismo para com a vida. Sentimento que leva à busca pela purgação dos pecados nesse mundo como meio para alcançar uma eternidade de alegria, bem como a penitenciar-se para amenizar as penas dos que já se foram. Há, ainda hoje, grupos de alimentadores caracterizados como autoflagelantes, a exemplo do que existe na cidade sergipana de Ilha das Flores, cujos homens carregam nas cicatrizes de suas costas mortificadas pela “disciplina” (lâmina que produz cortes nas costas) a dicotomia entre corpo e alma (AMARAL, 2003; CASCUDO, 1988; PEREIRA, 2005; VELOSO, 2019).

“Alimentação das santas almas benditas” que Pereira (2005) traduz como o ritual que sintoniza o homem à divindade pela imitação do sofrimento de Cristo, bem como o ato de “alimentar” a alma dos falecidos e do próprio penitente através do sofrimento físico e da oração que purgam os pecados.

Tal devoção para com as almas continua, portanto, presente nas procissões penitencias que encontramos na “Sexta-feira Santa” em Nossa Senhora das Dores (SE). Porém, sem o uso do autoflage-

lo. Nos cemitérios, cruzeiros, capelas e santas-cruzes onde param para rezar, os alimentadores de almas dorenses, que são penitentes e beatas que clamam perdão pelos que penam “no mau caminho”, “nas ondas do mar” ou “no purgatório”. Muitos dos fiéis que ali estão relatam que fazem penitência por seus parentes já falecidos, como um lenitivo para amenizar seus sofrimentos no “outro mundo”.

Essa penitência pelos falecidos fica clara em entrevista gravada em 2007 com um dos mais antigos penitentes ainda em atividade na cidade, o senhor Gilberto de Souza Leite:

Penitência é isso que nós estamos fazendo. Pedindo pelos nossos irmãos falecidos, por todos aqueles que já se foram, que já partiram dessa vida para o outro lado, que estão no paraíso com Cristo. Tenho 47 anos que participo não como promessa, mas como uma obrigação. No momento que eu estou no cemitério, eu estou buscando Jesus para mim e para todos os meus familiares. (SEXTA-FEIRA SANTA, 2007, DVD).

304



Na chamada procissão dos Penitentes, os organizadores instruem seus participantes a orar pelos mortos, incluindo a distribuição, em algumas oportunidades, de um texto que é transcrito de seu “Livro de Registro” e que dá a seguinte orientação:

Penitentes, seu esforço sua penitência, tem uma finalidade!... Procurem fazê-lo com respeito, com devoção, com amor próprio pelos irmãos falecidos que necessitam de nossas preces, a fim de que, no fim de cada jornada tenhamos conseguido alcançar as indulgências pedidas ao Nosso Pai Eterno, por intermédio de Vosso Divino Filho Nosso Senhor Jesus Cristo que por nós padeceu e foi crucificado. (ASSOCIAÇÃO DOS PENITENTES DE NOSSA SENHORA DAS DORES, 1980, p. 1).

Além do mais, até pelo menos os anos 1970, havia a crença de que, como se rezava e fazia penitência em prol dos defuntos, as almas destes também se faziam presentes ao longo daquela peregrinação. Ali estariam, portanto, almas vivas e mortas, numa soli-

Salve os degredados
por Deus só bradamos
os tristes filhos de Eva
gemendo e chorando.

Mizeras de nós
em grande perigo
de sermos vencidos
dos maus inimigos.

Logo que chegar
lá no alto céu
rogai nós todos
miseráveis seus.

Salve vossos olhos
almas poderosas
salve vossas almas
inda perigosas.

Lembraí-vos que estamos
ainda no meio
destas tristes almas
de lágrimas cheios.

Para que convosco
gozemos também
de Cristo as promessas
para sempre.
Amém.⁸

Considerações finais

Assim sendo, é possível perceber, à luz das fontes consultadas, a penitência como sacrifício do corpo para obtenção de benefícios aos vivos e aos mortos. Essa oração pública em busca da intermediação divina cria laços de solidariedade comunitária que giram em torno da devoção à Paixão e Morte de Cristo e das práticas e representações sociais que dela emergem enquanto ressignificação dos

⁸ Gravada pelo autor durante a manifestação no ano de 2008.



sofrimentos diárias dos fiéis e das dores às quais seu Redentor foi submetido pelo perdão dos pecados humanos.

Outrossim, fazendo memória ao Crucificado, o penitente “alimenta” com suas orações as almas dos vivos e dos mortos, numa simbiose entre matéria e espírito, vida e morte, pecado e punição, oração e perdão que fazem da cidade sergipana de Nossa Senhora das Dores, na “Sexta-feira Santa”, uma síntese de distintas temporalidades pela presença de manifestações que resistem à passagem do tempo e à secularização da existência terrena nesse início de século XXI.

Referências

ALMEIDA, Gisselma Silva de Jesus. **Procissão do Madeiro**: devoção e diversão em N. S. das Dores entre os anos de 1992 e 1997. N. Sra. da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História), UFS.

ALMEIDA, Maria da Glória. A Igreja em Sergipe e os “desfavorecidos”: possibilidades de pesquisa. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju (SE), nº 32, 1993-1999. p. 61-83.

AMARAL, Antônio Alves do. Penitentes: devoção e autoflagelo. **Revista de Aracaju**. Prefeitura Municipal de Aracaju: FUNCAJU, nº 10, 2003.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. “**Vinde, todas as pessoas, e vede a minha dor**”: a Festa/ Procissão ao Nosso Senhor dos Passos como atrativo potencial turístico em São Cristóvão-Sergipe-Brasil. Ilhéus-Bahia, 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), Universidade Estadual Santa Cruz.

ASSOCIAÇÃO DOS PENITENTES DE NOSSA SENHORA DAS DORES. **Livro de Registro dos Penitentes**. Nossa Senhora das Dores, 1980. [Manuscrito].

AZZI, Riolando. **O Catolicismo Popular no Brasil**: Aspectos Históricos. Petrópolis: Vozes, 1978.

BARRETO, Luiz Antônio. Onde estão os penitentes. **Gazeta de Sergipe**. Aracaju, 09 e 10 de abril de 1982, p. 3.

BEATA. **Entrevista a João Paulo Araújo de Carvalho**. Nossa Senhora das Dores (SE), 14 de abril de 2006.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. **A procissão dos Penitentes do Senhor dos Passos**: um estudo de comunicação na religiosidade popular na cidade de São Cristóvão no Estado de Sergipe. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 145 p. 2003.

BORGES, M. C.; MAURÍCIO, J.; SANTOS, M. Caminhando com as almas: a alimentação das almas no agreste sergipano. **Scientia plena**. Vol. 7, n. 1, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Coleção estudos).

CARVALHO, João Paulo Araújo de. **Freguesia de Nossa Senhora das Dores (1858-2008): 150 anos de história e devoção**. Nossa Senhora das Dores (SE), edição do autor, 2008.

_____. **Efemérides da terra dos Enforcados**. Aracaju (SE): Infographics, 2015.

_____. **A torre da Matriz e outras histórias**. Aracaju (SE): Infographics, 2018.

_____. **Uma Cruz para os Enforcados: práticas penitenciais em Nossa Senhora das Dores (SE)**. Aracaju (SE): EDISE, 2019.

_____; BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. **Procissões de devoção à Paixão de Cristo em Nossa Senhora das Dores (SE): Dossiê para solicitação de Registro como Patrimônio Imaterial e Bem Cultural do Povo Sergipano**. Nossa Senhora das Dores (SE): Projeto Memórias, 2015. [Encadernado]

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. (Coleção reconquista do Brasil, 2 série, vol 151).

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002. (Memória e Sociedade)

CUNHA, Tatiane Oliveira da. **“Espaços e culturas em transformações em nome de Cristo...”**: Frei Caetano de San Leo em missões populares em Sergipe (1901-1911). Monografia (Pós-graduação em Ciências das Religiões) - Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, 74 p. 2008.

DELUMEAU, Jean; MELCHIOR-BONNET, Sabine. **De religiões e de homens**. Tradução Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: edições Loyola, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência da religião**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FARIA, Rosa. **Rito “Recomenda das Almas”**. Pintura em prato de porcelana. Acervo do Memorial de Sergipe/UNIT. Aracaju (SE), década de 1970.



- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- GOIS, João de Deus. **Religiosidade popular: pesquisas**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro (1550-1800)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- LE GOFF, Jacques; SCHMIDT, Jean-Claude (coord.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Coordenação da tradução Hilário Franco Junior. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- LIMA, Magneide Santana dos S. **Penitentes de Nossa Senhora das Dores: Explosão de Fé 1990 – 2000**. Nossa Senhora da Glória: 2002. Monografia (Licenciatura em História). UFS.
- MENEZES, Ilma Maria Figueiredo. **A diversidade de grupos de penitentes no município de Feira Nova (1955-1990)**. Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). UFS.
- MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil**. Com um prefácio de Silvio Romero; desenhos de Flumen Junius. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.
- NUNES, Verônica. A procissão dos Passos: o ex-voto como “imagem-testemunho do milagre”. **Gazeta de Sergipe**. Aracaju, 15 de março de 2003. p. A6.
- _____. **Glossário de termos sobre religiosidade**. Aracaju: Tribunal de Justiça; Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe, 2008.
- PERCORARI, Francesco. As missões populares dos capuchinhos nos sertões baianos nos fins do século XIX. **Cadernos UFS – História**. São Cristóvão, v. 4, n. 5 (1997-2003), 2003, p. 53-68.
- PEREIRA, José Carlos. **O encantamento da Sexta-feira Santa: manifestações do catolicismo no folclore brasileiro**. São Paulo: Annablume, 2005.
- PEREIRA, Lúcia Maria. **Ícones de cura e fé: as promessas da Igreja Senhor dos Passos em São Cristóvão, um discurso sobre a doença**. São Cristóvão, 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFS.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Os Penitentes. **O Estado de São Paulo**. Suplemento Literário. 04 de novembro de 1961, p. 3.

_____. **O campesinato brasileiro**: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. (Estudos Brasileiros, 3).

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROUILLARD, Philippe. **História da penitência**: das origens aos dias atuais. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1999. (Teologia sistemática).

SANTOS, José Nascimento dos. **Museu do ex-voto de São Cristóvão**: análise da exposição de longa duração. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História), UFS.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Caminhos da penitência**: A solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão - Sergipe. Aracaju: Criação, 2015a.

_____. **O Prefácio dos tempos**: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em São Cristóvão (séculos XIX e XX). Niterói, 2015b. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense.

SANTOS, Magno; NUNES, Verônica. Na trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão. **Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão**. Vol. 2, 2005, p. 97-110.

SANTOS, Maria José Cunha. **Marizete Costa Vieira**: símbolo de fé na paróquia de Nossa Senhora das Dores (1935-2001). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). UFS.

SANTOS, Valmor Ferreira. **A reação católica a presença Batista em Nossa Senhora das Dores (1933-1940)**. Aracaju, 2004. Monografia (Licenciatura em História). UFS.

SEXTA-FEIRA SANTA: Nossa Senhora das Dores – palco centenário de devoção e penitência. Produção do Projeto Memórias de Nossa Senhora das Dores. Roteiro e Edição João Paulo Araújo de Carvalho, Luís Carlos de Jesus e Antônio Bittencourt Júnior. Nossa Senhora das Dores, 2007. 1 DVD. (48 min), color.

VELOSO, Guy. **Penitentes**: dos ritos de sangue à fascinação do fim do mundo. Fortaleza: Tempo d'Imagem, 2019.

